

**FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

SILVEIRA, Nise Magalhães da. Nise da Silveira (depoimento, 1992). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 30min).

**Nise da Silveira
(depoimento, 1992)**

Rio de Janeiro

2015

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Dulce Chaves Pandolfi;

Levantamento de dados: Dulce Chaves Pandolfi;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Dulce Chaves Pandolfi;

Técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 26/09/1992 a 02/10/1992

Duração: 2h 30min

Fita cassete: 3; Fita rolo: 2;

Entrevista realizada no contexto da pesquisa "Trajetória e Desempenho das Elites Políticas Brasileiras", parte integrante do projeto institucional do Programa de História Oral do CPDOC, em vigência desde sua criação, em 1975. Foi publicada no livro Pandolfi, Dulce Chaves. *Camaradas e companheiros: memória e história do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Roberto Marinho, 1995. Uma análise desta entrevista pode ser encontrada em Pandolfi, Dulce Chaves. "Femmes militantes: une histoire de plusieurs vies.", in: VIII International Oral History Conference, "Memory and Multiculturalism", Siena-Lucca, 25-28 fevereiro 1993. Anais da conferência, p.874-881. A escolha da entrevistada se justificou por sua militância política.

Temas: Astrogildo Pereira; Comunismo; Departamento de Ordem Política e Social - DOPS; Instituições carcerárias; Partido Comunista Brasileiro - PCB;

Sumário

Entrevista: 26/09/1992

Fita 1-A: Atividade dos pais nas primeiras décadas do século XX; relato sobre o ambiente doméstico durante a infância ; contato com a música através da mãe; relação do pai com a música; comparação entre o comportamento atípico dos pais e a sociedade convencional do início do século XX; solidariedade entre os tios da entrevistada; relação dos tios com o poder da família Malta em Maceió; lembranças do engajamento político do pai; opção da entrevistada pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1926.

Fita 1-B: Relação com os colegas de faculdade; opções de faculdade na década de 20; escolha pela medicina; retorno da entrevistada para Maceió no ano de conclusão da faculdade; breve relato sobre o falecimento do pai; viagens ao Recife com a mãe para visitar familiares na década de 10; chegada ao Rio de Janeiro no final dos anos 20; contatos com o comunismo através de Otávio Brandão; lembranças da amiga Laura.

Fita 2-A: Dificuldades de adaptação ao Partido Comunista; expulsão do partido nos anos 30 devido a pouca participação nas atividades; as tarefas no partido; prisão a partir da denúncia de uma enfermeira em março 1936; considerações acerca da presença de Luiz Carlos Prestes no Partido Comunista; motivos para ingressar no Partido Comunista no início da década de 30; aprendizado durante o período em que a entrevistada morou no hospício; encaminhamento para a Rua da Relação e prestação de depoimento.

Fita 2-B: Momentos iniciais no Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) na Rua da Relação; transferência para o presídio Frei Caneca; contato com outros presos; relato sobre o convívio com Elisa Berger na prisão; presença de Olga Benário na prisão; comentários sobre a extradição de Olga para a Alemanha em setembro de 1936; visitas de Zoila Teixeira recebidas pela entrevistada no período em que esteve presa; breve comentário acerca do convívio com o marido em casa antes de ser presa.

Fita 3-A: Falta de provas quanto à participação no movimento de 1935; desemprego durante 8 anos após a libertação; clima cordial na cela; o estudo na prisão; saída da prisão em 1937; sentimento de liberdade após um ano e quatro meses presa; considerações sobre o período em que a entrevistada esteve desempregada; o medo de ser novamente presa durante o Estado Novo; manutenção de amizades ligadas ao comunismo; falta de vontade de um retorno à militância comunista após a saída da prisão; acusação de Trotskista como motivo para expulsão da entrevistada do Partido Comunista na primeira metade dos anos 30.

1ª Entrevista: 26/09/1992

Nise da Silveira. – Quando quiseres, começa. Começar mesmo da minha infância.

Dulce Pandolfi – Pois é. Nise, você nasceu quando?

N.S. – Minha vida resulta muito do clima da minha casa.

D.P. – Quando é que você nasceu, Nise?

N.S. – Eu nasci em 15 de fevereiro de 1905.

D.P. – E aí você falou que a sua infância resulta muito do clima da sua casa?

N.S. – Não. A minha atitude na vida resultou muito – naturalmente, se tomando um caráter mais amplo – do clima da minha casa, porque eu era filha única e posso dizer que filha de dois artistas. Minha mãe, uma pianista tangencionando pela genialidade, e meu pai era secretário do *Jornal de Alagoas*, com o irmão dele diretor. O *Jornal de Alagoas*, que foi fundado para combater a ditadura dos Malta. Era uma espécie de ditadura. Eu não sei bem porque eu era muito menina, nessa ocasião. Euclides Malta. Chamava-se ele Euclides Malta.

D.P. – Vocês moravam em que cidade, Nise?

N.S. – Maceió. Sempre em Maceió.

D.P. – Você nasceu em Maceió, inclusive.

N.S. – Em Maceió, no Centro da cidade, na Rua da Boa Vista, e depois nos mudamos para outra rua, mas também no Centro. Só mais tarde, aí eu tinha 10 anos, me lembro bem porque houve até uma festa em casa, os meus 10 anos, num bairro chamado Bebedouro. Mas, também, era a 20 minutos do Centro da cidade.

D.P. – Então havia um clima na sua casa de...

N.S. – Havia um clima muito diferente do clima dos meus tios, digamos, que eram os irmãos de meu pai. Porque minha mãe era uma pessoa completamente livre de preconceitos. Ela ia a um concerto, encantava-se por um determinado artista, saía da plateia e ia para a caixa do teatro e fazia amizade com o artista e, muitas vezes, convidava o artista para se hospedar lá em casa.

D.P. – Isso em 1900 e pouco, ainda, não é?

N.S. – Isso em 1900 e pouco. Tanto que eu tive uma grande tristeza, foi uma coisa que me marcou muito: foi o meu desafinamento musical. Desde muito cedo, eu estudava piano, com professora, porque minha mãe não tinha paciência de ensinar, nem talvez soubesse, era mais uma intuitiva, e lá estava eu com a mão no teclado de um piano de cauda, os olhos na música, nos meus exercíciuzinhos – elementares, naturalmente, porque eu estava começando –, pondo o máximo de atenção, e minha mãe, andando pela casa, noutra peça, porque morávamos numa casa muito ampla, dizia: “Olha lá o fá susenido!”. E eu não podia compreender absolutamente isso. Foi o primeiro enigma que eu defrontei na minha vida: como eu estava com a mão em cima do teclado, os olhos fixos na música, no texto da música, e errava e não sabia que tinha errado. E ela, flanando de um lado para outro, me dizia: “Olha o mi bemol!”, “Olha o fá susenido!”. E eu não compreendia esse fenômeno. Então isso foi, para mim, um problema muito grande, muito traumatizante. E eu pendia para outros lados, porque, de outra parte, eu decorava com uma facilidade muito grande os textos das músicas cantadas. Minha mãe convidava artistas... Foi um período, eu não sei por que, talvez... Certamente, motivos econômicos levaram companhias líricas a se dissolverem, e vários desses artistas, minha mãe convidava, eles viviam lá em casa. Uns chegavam a se hospedar, mesmo. E cantavam, ensaiavam, e eu decorava todas as letras.

D.P. – Quer dizer, você gostava da música.

N.S. – Eu gostava muito da música. E sabia a letra. Como ainda hoje eu sei grandes trechos de óperas. Era tempo da ópera. Da *Bohème*, eu sei muitos trechos; da *Traviata*, eu sei muitos trechos... E eu recitava esses trechos. Eu, com 6 anos – devia ter uns 6 anos, nessa altura, porque ainda estávamos na Cidade, não tínhamos nos mudado para a outra casa –, eu sabia o último ato da *Traviata*, da morte da Traviata, de memória...

D.P. – Poxa!

N.S. – ...quando a protagonista morre tuberculosa e ela, que era uma mulher bonita, se olha num espelho. Então eu recitava isso com uma tal dramaticidade, quando ela dizia: “*Oh, mio medico, mio dottore, come estoy mutata! Ma con tal morbo, tutti speranza è morta*”. “Como eu estou mudada! E com uma tal doença, toda esperança está morta.” Ela cantava isso com agudos impossíveis para uma pessoa que estava às portas da morte, coisa que caracteriza as óperas. Mas eu recitava com uma tal dramaticidade que uma artista que fazia a protagonista da *Traviata* me deu um espelho de prata que ela tinha ganho como... não sei onde, como uma grande artista lírica.

D.P. – Tão impressionada que ela ficou com você.

N.S. – Com a minha dramaticidade. Se eu não era para cantar, eu seria uma artista dramática.
[riso]

D.P. – Você não era entoada, não é, Nise?

N.S. – Não era entoada.

D.P. – E isso lhe deixava frustrada?

N.S. – Morta de desespero. Porque o meu pai, que era um fenômeno, também, que eu não sei, não sei entender e era desentoadado, como a turma toda da família quase é desentoadíssima, admirava enormemente e conhecia música. Eu me lembro que um dia... Mandava-se buscar na Europa as músicas. Não havia, no comércio de Maceió. Vieram músicas de Bach, e minha

mãe imediatamente foi experimentar no piano e não conseguia, e disse: “Só posso tocar essa música se tiver três mãos”. Meu pai pegou o texto da música e disse: “Não, vamos ver. Tinta vermelha e tinta verde”. Pitava a mão direita de uma cor, de verde, [e a outra], vermelha. “Olha aqui as tuas mãos”, e ela tocava. Também é um fenômeno misterioso para mim.

D.P. – Quer dizer, ele tocava, também?

N.S. – Não.

D.P. – Ele só explicava e entendia a música.

N.S. – Ele entendia a música.

D.P. – Sei.

N.S. – Aprendia a música. Uma brincadeira comum lá em casa era, depois do jantar, minha mãe desafiar meu pai, batendo com o dedo na mesa, assim, e ele dizer qual era a música, sem estar ouvindo nada, só pelo movimento.

D.P. – Nossa!

N.S. – Foram, realmente, pais extraordinários que eu tive, nessa área de música, de arte, de poesia. Minha mãe musicou quase toda a poesia de Castro Alves.

D.P. – Isso ela fazia por prazer? Ou era...?

N.S. – Por prazer. Porque ela não fazia outra coisa. Ela não sabia fazer um café.

D.P. – Ela não tinha as chamadas prendas domésticas.

N.S. – Nada. Era uma pessoa que destoava completamente das minhas tias, de todo o clima das casas dos meus parentes, que eram numerosos. Meu pai tinha sete irmãos homens e três mulheres. As mulheres não moravam em Maceió, moravam no Recife e na Paraíba.

D.P. – Nise, e ele aceitava bem esse jeito da sua mãe?

N.S. – Ele... Era o jeito também dele. Em Maceió... Quer ver uma coisa também destoante do clima do princípio do século? Em Maceió não havia casas para chapéus. As mulheres andavam de chapéu nessa época, e até muito tempo depois. Então apareciam mulheres que contratavam – não sei como era lá a coisa –, em casas comerciais, um espaço e vendiam chapéus. E apareceu uma moça que fazia a mesma coisa no Recife. E nós íamos muito a Recife, porque meu pai é pernambucano e minha mãe é pernambucana, então, meu avô, o pai de minha mãe, morava no Recife. Nós íamos, três vezes, quatro vezes por ano a Recife. Minha mãe conheceu uma moça que fazia chapéus em Recife; depois, ela veio a Maceió para fazer a mesma coisa numa loja, numa casa comercial que vendia tecidos, para vender chapéus. Minha mãe disse: “Mas ela não pode ficar... Essa moça não pode ficar nesse hotel, num hotel aqui de Maceió. São hotéis mais de caixeiros-viajantes. Não pode”. Aí convidou para ir lá para casa. Ela foi se hospedar lá em casa. A crítica da família, você pode imaginar, não é?

D.P. – Imagino.

N.S. – Ela era polonesa. Nesse tempo, uma mulher...

D.P. – As polacas.

N.S. – Eram as polacas. “Está com uma polaca em casa, com a filha menina!” Mas era uma polaca de alta categoria, porque trabalhou, depois mandou buscar a mãe e os dois irmãos na Polônia. E os dois irmãos, que eram meninos, formaram-se em medicina e foram meus amigos.

D.P. – Ah, é?

N.S. – Depois, mesmo aqui no Rio, eu fui algumas vezes à casa dela. Mas na hora, o estouro... Isso eu tinha... não sei quantos anos, 6 ou 7 anos. Em Maceió, no princípio do século, era escândalo.

D.P. – Agora, as relações familiares permaneciam? Quer dizer, apesar da visão diferente...

N.S. – Agora, fazia isso... Permaneciam. As relações familiares permaneciam. E meu pai achava muito natural. Minha mãe convidava, estava convidada. Ele aceitava a senhorita Anita – não sei o sobrenome – [Karasicki]¹ em casa. De modo que era um ambiente que não obedecia... Estou, talvez, falando demais sobre isso porque eu acho que isso teve uma grande influência nas minhas atitudes na vida, fora das regras comuns, atitudes essas que me pareciam absolutamente naturais, porque eram as atitudes de meu pai e de minha mãe. Eu não fui essa quebradora tão grande de regras, porque essas regras nunca existiram, na minha casa.

D.P. – Então você não se sentia realmente fazendo, digamos, uma revolução cultural?

N.S. – Não. A revolução estava feita. Eu nasci e já estava dentro das mudanças. Cabe muito mais a eles do que a mim propriamente, porque eles eram diferentes. Agora, um traço muito curioso, também, era a solidariedade entre esses irmãos. O tio Luiz, que era o diretor e fundador do *Jornal de Alagoas*, que vivia em lutas com o partido dos Malta... Mas briga de tiro, de morrer gente, de pedra no jornal, pedras. Os primos maiores iam para lá para brigar. Era briga de pedra e de bala. Comícios... Era uma... E os irmãos eram tão solidários que um... Meu tio Luiz era uma pessoa dura, áspera, não tinha nenhum desses toques, digamos, que meu pai tinha, mas meu pai era solidário com ele. Ele tinha horror – eu creio que ele tinha horror – à arma, mas tinha que sair armado de revólver. E eu me habituei a isso. Porque ele queria que eu me habituasse. Ele dizia: “Nise, apanha lá em cima...” Isso já nós estávamos na outra casa. Tinha escada. “Apanha meu revólver.” E minha mãe dizia: “Se ela cai na escada com esse revólver na mão...”. [riso] “Não cai.” Eu descia com o revólver na mão, e ele punha. Porque se esperava sempre ataque. Porque o Luiz foi atacado. A bala pegou – é curioso isso – na carteira dele, onde a filha dele, que era muito religiosa, tinha prendido, com um alfinete,

¹¹ Não há certeza quanto ao sobrenome ao qual a entrevistada se refere.

uma medalha de Nossa Senhora das Graças, sem ele saber. E a bala bateu na medalha e ricocheteou, não tocou nele. Isso foi um espanto na família. Havia... Meu pai, que era o mais moço, tinha amizades com os colegas de estudos dele. Mas se esses colegas pertencessem a outro partido, ele não podia falar, não falava, não cumprimentava. O tio Sinfrônio, que vivia na Europa, chegava, demorava sempre muito pouco, ia a Maceió, hospedava-se lá em casa, e eu me lembro um dia... Isso eu gravei muito. Achava horrível isso. Perguntou a meu pai: “Diga com quem eu não posso... dos nossos amigos, com quem eu não posso falar”.

D.P. – Por causa da briga política?

N.S. – Por causa da briga política. A briga política era acirrada. Não se respondia. Havia um colega de meu pai que era um bom poeta – ainda outro dia eu vi o nome dele numa antologia de poetas –, meu pai recitava poesias dele, e eu decorava, sem nunca ter lido, essas poesias. Isso marcou muito. Foi esse o meu ambiente. De modo que usava-se muito pouco mulheres estudarem, fazerem exames no ginásio. Naquela ocasião não havia, como agora, os colégios equiparados, onde você faz o exame que é válido para o vestibular. Você tinha que levar para o vestibular, em qualquer faculdade, o diploma de que tinha feito os exames de ginásio no estabelecimento oficial da cidade.

D.P. – Ser reconhecido.

N.S. – Então fui para a Bahia com o papel do Liceu Alagoano, senão não me inscrevia.

D.P. – E quando você resolveu fazer medicina, qual foi a reação dos seus pais?

N.S. – Foi um pouco, talvez, de descrédito, porque achavam forte demais, que dificilmente eu aguentaria.

D.P. – E como era a ideia, Nise? Você ia morar onde? Você saiu de Maceió para a Bahia para fazer o vestibular...

N.S. – Eu ia morar em pensionatos.

D.P. – Com o dinheiro que seu pai mandava?

N.S. – Com o dinheiro que meu pai mandava.

D.P. – Mas eles não ficaram em nenhum momento contra.

N.S. – Não. Quando eu disse “vou para a Bahia”, “está muito bem”. Porque eu já convivía com estudantes que iam fazer o vestibular. Como meu pai era professor de matemática, não só ensinava em colégios... Era professor da Escola Normal, mas ensinava matemática em colégios para rapazes, e muitos desses rapazes frequentavam nossa casa. E ele fazia grupos de estudos, e eu participava desses grupos de estudos. De modo que eu não distinguia quem era... homem nem mulher. Eram estudantes.

D.P. – Você já namorava, nessa época?

N.S. – Não. Não namorava, não. Há pouco recebi um livro, uma autobiografia de um colega meu dessa época, que hoje mora em Brasília, é general.

D.P. – É general [riso]?

N.S. – É. General Alfredo Moacyr Uchôa. Agora só chamam ele General Moacyr. E eu só chamo ele Alfredo. Uma parenta dele mora aqui defronte e ele veio aqui em casa, e disse: “Você é a única pessoa no mundo que me chama Alfredo”. [riso] Ele é espírita. Está ali o livro dele, a autobiografia. E o outro, irmão dele, Darcy, está em São Paulo, é médico, e ele é general em Brasília.

D.P. – Então você estudava junto com os rapazes e...?

N.S. – Tudo. Com a mesma naturalidade com que... Havia os artistas, os estudantes... Não havia essas separações, não.

D.P. – Nise, e o ato de ir para a Bahia, como é que foi? Você foi sozinha?

N.S. – Não.

D.P. – Você foi como?

N.S. – Meu pai foi me levar. Eu não conhecia a Bahia. Ia chegar numa cidade desconhecida para mim.

D.P. – Quantos anos você tinha, nessa época?

N.S. – Eu tinha 15 anos.

D.P. – Quinze anos?!

N.S. – É. Porque se fazia os preparatórios... Tanto que, na minha carteira de identidade, minha idade está diferente, porque eu precisava, para o vestibular, ter 16 anos, e eu fiz o vestibular com 15. Mas daí a pouco completava 16. Eu fiz o vestibular em janeiro e em fevereiro logo eu entrei na legalidade, completei 16 anos. E continuei assim na faculdade, sem fazer... Eu não me esquivava dos colegas homens. Era no meio de todo mundo.

D.P. – Quantas mulheres tinham, na Faculdade de Medicina, na sua época?

N.S. – Poucas. Havia algumas que estudavam farmácia...

[FINAL DO ARQUIVO PHO_400_NISE_DA_SILVEIRA_1992-09-26_01a]

D.P. – Tinham poucas moças, na Faculdade de Medicina?

N.S. – Poucas moças. Fiquei partilhando o quarto com uma moça, Maria Otávia Plácido, alagoana, que estava estudando farmácia, tinha ido estudar farmácia. Havia estudantes de odontologia...

D.P. – Mas, de medicina, você era a única? Ou tinham outras?

N.S. – Na minha turma, quando eu entrei, eu era a única. Entrou também uma outra, que já era uma senhora, obstetra, que queria fazer um curso de medicina, mas deixou. Eu fiquei só, no primeiro ano e no segundo; no terceiro, uma moça que estava estudando na minha frente perdeu, que era do Ceará, aí ficou comigo. Fizemos juntas o terceiro. Depois ela pediu transferência aqui para o Rio. Então, o quarto, quinto e sexto, eu fiquei só.

D.P. – E sempre essa naturalidade na convivência com os rapazes?

N.S. – Sempre essa naturalidade. Ainda agora eu recebi um cartão... Mande um convitezinho do livro para um colega que mora em Rio Preto, em São Paulo, São José do Rio Preto. Mas quase todos já morreram.

D.P. – E, na Faculdade, tinha banheiro feminino?

N.S. – Ah! Minha tragédia era essa! Não tinha.

D.P. – Eu lembro que você contou para mim...

N.S. – Não tinha. Quando eu cheguei aqui no Rio, que visitei a Faculdade de Medicina, que vi toalete de senhoras, eu achei aquilo uma coisa paradisíaca. [riso] Porque eu sofri muito.

D.P. – Porque você fazia o quê? Você ia no banheiro dos homens, então? Pedia...?

N.S. – Não.

D.P. – Como é que você fazia então, Nise?

N.S. – Eu ia para a Faculdade e me aguentava até a hora do almoço. Eu morava perto, então, saía correndo para fazer xixi. Depois voltava, de tarde, e a mesma coisa.

D.P. – Alguém perguntava sobre esse problema, os professores...?

N.S. – Não.

D.P. – Não. Era uma coisa...

N.S. – Mulher era feito anjo, não mijava.

D.P. – [riso] Era um ente à parte.

N.S. – Agora... Quer dizer, agora! Já há tempo há. Mas ninguém fazia pipi, todo mundo era fechado, as torneiras fechadas.

D.P. – E você lembra de alguma discriminação, nessa época da Faculdade, dos rapazes em relação a você? Quer dizer, mesmo que você não tivesse, que você encarasse naturalmente, mas como é que eles encaravam você?

N.S. – Muitos, com uma certa... Não digo hostilidade, mas como uma pessoa menos. Mas como eu estudava muito e me saía muito bem sempre, então, fui me impondo.

D.P. – Você era ótima aluna?

N.S. – Eu era boa aluna. Não digo ótima, mas era boa aluna.

D.P. – Nise, você resolveu fazer medicina por quê? O que despertou em você, a medicina?

N.S. – Porque era um caminho. Eu gostaria de ter vindo, por exemplo, para o Conservatório de Música do Rio. Mas não podia. Com meu ouvido tapado, não podia. Então eu tinha dois caminhos: ou estudava medicina, ou estudava direito.

D.P. – Que eram os dois únicos cursos superiores que tinham nessa época, não é? E engenharia, também.

N.S. – E engenharia, também. Mas nenhum em Maceió. No Recife houve primeiro uma faculdade de medicina, mas não reconhecida, e meu pai chegou a me sugerir, desde que eu tinha resolvido estudar medicina, ir para essa faculdade. Eu digo: “Não vou fazer um esforço enorme para... numa faculdade não reconhecida. De repente, acaba, o que é que me acontece?”. Não acabou. Resiste, não é? Então, o caminho era: ou direito, no Recife... Eu não me sentia com vocação para advogar, para falar, para a coisa pública, era uma pessoa mais introvertida, então, o caminho mesmo que eu tinha diante de mim era a medicina. Eu gostava de estudar história natural e biologia. Eu gostava.

D.P. – Nise, e quando você estava lá na Bahia, você sentia muita falta lá de Maceió, dos seus pais?

N.S. – Não.

D.P. – O tempo era bem preenchido.

N.S. – O tempo era bem preenchido. Senti, inicialmente, falta do conforto que eu tinha. Mas me adaptei. Tive muita facilidade de me adaptar. É uma coisa que me surpreende. Eu saí daqui, fui para a Europa só, e não me senti estrangeira nem um minuto. São seres humanos todos.

D.P. – E nas férias, você ia para Maceió?

N.S. – Nas férias, eu ia para Maceió. Ia em junho... Agora é em julho. Naquele tempo era em junho. E depois dos exames, que eram em novembro ou princípio de dezembro, eu ia para Maceió, e voltava em fim de março ou princípio de abril.

D.P. – E a sua formatura? Seus pais foram? Teve festa? Como é que foi?

N.S. – Não. Não liguei. Não me formei na festa. Minha mãe foi, passou um mês comigo... Aliás, não só no sexto ano; no outro ano, no quinto ano, também ela foi, passou o último período. Porque aí eu... Eu comia pouquíssimo. Então, comida de pensionato, eu tinha muita dificuldade. Minha mãe não sabia fazer grandes coisas, não. Eu tomava um mingau de aveia e pronto, era uma refeição. Eu almoçava mais ou menos, no pensionato, mas de noite eu achava tão ruim a comida, e mesmo eu não tinha apetite. E, no fim do ano, minha mãe geralmente ia, porque eu ficava muito tensa com o exame. Para essa bobagem de livro, eu fiquei tensa.

D.P. – Imagine para o exame, não é? Aí sua mãe ia, ficava lá...? Ela ficava hospedada lá na pensão que você...?

N.S. – Não. Aí eu ia para o hotel com ela.

D.P. – Nise, mas você criou amizades lá em Salvador, nessa época? Você tinha famílias que você frequentava, de pais de aluno? Nada.

N.S. – Nada. Não tinha.

D.P. – A relação era só de estudo, mesmo, uma coisa assim?

N.S. – É.

D.P. – Não sentiu uma solidão, não?

N.S. – Nunca senti solidão.

D.P. – Você chegava em casa e ia estudar?

N.S. – Ia estudar, passeava, passeava de bonde – tomava um bonde, fazia uma volta assim –, ou só, ou com uma outra pessoa, nem sempre uma estudante. Porque no pensionato moravam várias pessoas.

D.P. – Então, na sua formatura, sua mãe foi...

N.S. – Minha mãe foi.

D.P. – Seu pai não?

N.S. – Meu pai não.

D.P. – E aí você não participou dos festejos.

N.S. – Eu não participei. Isso é uma bobagem. Colei grau depois, na secretaria.

D.P. – E aí, Nise, formada em medicina, como é que continuou sua carreira?

N.S. – Minha carreira... Eu vim para... Voltei para Maceió. E aí foi a desgraça. Eu voltei... Me formei dia 28 de dezembro; tomei um navio com minha mãe, acho que a 4 de janeiro, era quando tinha – era porto, em Maceió –, e cheguei em casa. Naturalmente, estava alegre, o clima. Mas aí meu pai adoeceu e, no dia 10 de fevereiro, ele morreu, apenas eu me formei lá. Eu fazia meu aniversário... Isso me chocou muito, me marcou até hoje. Meu aniversário é no mesmo dia do dele. Ele faria 43 anos.

D.P. – Super novo.

N.S. – Morreu cinco dias antes de completar 43 anos.

D.P. – Ele morreu de que, Nise?

N.S. – Foi um distúrbio circulatório que ele teve, uma dificuldade de circulação, o que se chama endarterite obliterante. Morreu rapidamente, em poucos dias. Agora eu estou cansada.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

D.P. – Você está falando da sua mãe, não é?

N.S. – É, estou falando...

D.P. – Das lembranças boas e bonitas.

N.S. – É. E fomos visitar uma tia minha, a tia Amélia, que era a tia mais velha, casada com o irmão mais velho de meu pai, e tinha mudado de uma casa para outra, maior. Ela tinha oito filhos, então, era uma casa grande, num sistema... Na época, casa que tinha uma sala na frente – às vezes, duas, uma menor e uma maior –, um corredor e quartos...

D.P. – Dos lados, assim, não é?

N.S. – ...dos lados. Você ainda...

D.P. – Eu peguei.

N.S. – E, geralmente, o corredor era muito grande. E minha tia Amélia foi mostrando os quartos e como distribuiria, porque ela tinha, também, muitos filhos: oito filhos, homens e mulheres. “Então, aqui fica Alice e Beatriz; aqui fica Flora...” Aí a reação de minha mãe, o comentário de minha mãe: “Mas que corredor ótimo para se dar uma boa carreira!” [risos] Minhas tias, senhoras respeitáveis, todas, naturalmente, ficaram chocadas, e eu fiquei... Eu reclamei dela: “Como é que você diz uma coisa dessas?”. Eu era muito mais formal, talvez, do que ela.

D.P. – Era super espontânea, a Nazinha.

N.S. – Super espontânea. “Tem um corredor para se dar carreiras no corredor.” Todas, senhoras com filhas moças. Moças e rapazes.

D.P. – Nise, aí você veio para o Rio logo depois?

N.S. – Vim logo depois. Não aguentei ficar em Maceió.

D.P. – E Nazinha veio com você?

N.S. – Não. Eu vim só.

D.P. – Nessa época, você já estava namorando o Mário?

N.S. – Já. Minha mãe ficou um pouco na casa de tia Amélia e depois ficou na casa do pai dela, que, nessa ocasião, estava morando em Maceió, o meu avô, que também recitava muito Castro Alves. Foi um dos primeiros enigmas da minha infância. Estou vendo ele com uma toalha no ombro... Ele era funcionário público. De manhã, amanhecia o dia e tal, tomava banho, tomava café e ia-se embora acho que às oito horas. Ele então... Ele recitou outras coisas, mas o que eu guardei, que me catucou muito a cabeça – aí eu devia ser muito menina, ainda – era uns versos de Castro Alves: “Vai, Colombo, abre a cortina de minha eterna oficina e tira a América de lá”. Era Deus falando com Colombo, mandando tirar... Eu achava isso uma coisa extraordinária! Que oficina era essa que tinha a América?! “Tira a América.” Mas o povo vivia todo recitando.

D.P. – E você preocupada com esse tal enigma da...

N.S. – Para mim, esse de “Colombo, abre a cortina” foi um enigma. Eu não podia compreender. Tirar a América da oficina de Deus? Como Colombo ir tirar, ser mandado tirar a América. Eu não tinha bem ideia do que fosse talvez a América, mas sabia que era uma coisa grande.

D.P. – Você devia ser uma menina de quê? Seis anos? Por aí, não é?

N.S. – É. Devia ter uns 5 anos, 4 ou 5 anos. Eu adorava ir a Recife. Sabia o nome de todas as estações de Maceió até Recife. Achava formidável o chefe do trem: dava aquele apito para o trem andar, com duas bandeiras na mão, uma verde e uma vermelha. Achava o máximo ser chefe de trem, que fica na estação, não é? Os trens eram de uma companhia inglesa, a Great Western. Acabaram-se todas essas coisas.

D.P. – Vocês iam lá visitar o pessoal da família, os tios, os... Vocês iam lá visitar os seus avós, não é?

N.S. – Meus avós e minhas tias. E meu pai, que era pernambucano, gostava muito do Recife.

D.P. – Nise, quando é que você vem para o Rio? Você veio para o Rio em que ano?

N.S. – Em mil novecentos e vinte e... Em 1927...

D.P. – No final da década de 1920?

N.S. – É. Em 1928. Eu, com ilusões, pensava que era muito mais fácil uma vida aqui no Rio. Cheguei aqui, a vida era difícilíssima.

D.P. – Mas você veio com alguma coisa certa? Ou veio só com o diploma na mão? Como é que foi...?

N.S. – Só com o diploma na mão. A cara e a coragem. Foi aí que eu fui morar numa casinha, num quarto alugado, que... Por coincidência, era vizinha de Octávio Brandão.

D.P. – E aí vocês ficaram amigos.

N.S. – Ficamos amigos. Ele é alagoano. Agora uma amiga, a Elvia, está fazendo um estudo sobre a Rua do Curvelo, que era essa rua onde morou o Octávio, onde morou o Manuel Bandeira...

D.P. – Nise, foi aí que você teve contato com as ideias do Partido Comunista? Como é que foi?

N.S. – Eu tive contato, mas eu tinha brigas, discussões – não eram propriamente brigas – com o Octávio. Não aceitava muito, não, o comunismo. Porque ele era de um radicalismo tremendo. Brigava-se por causa de Tolstói, brigava-se por causa do Cristo, brigava-se por uma série de coisas. Mas, ao mesmo tempo, havia uma amizade enorme. Nunca houve... Isso eu já disse à Elvia, já dei esse depoimento para... Nunca eu vi um casal igual ao Otávio e Laura, nunca, nem que eu conhecesse, nem que eu tivesse lido em livro. Porque o Octávio vivia preso, muito diferente do comportamento comunista atual... Era uma casa muito pobre; três meninas; as três caminhas na sala e a mesa, tudo na mesma peça. Só tinha uma peça. E um quarto e uma cozinha e um banheiro, com um pano pendurado assim. E Laura, uma pessoa de alta inteligência. Bonita. Umhas tranças, que ela cruzava assim. E aceitando aquilo com uma alegria extraordinária. Esse período é muito bonito. As meninas, as três meninas, trabalhavam como pequenas artistas: levavam bonecas ou brinquedos para a rua... Brincava-se na rua. Tinha muito menos movimento. E ainda hoje a Rua do Curvelo é uma rua relativamente tranquila. E o agente de polícia, incessantemente...

D.P. – Vigiando?

N.S. – ...vigiando. Então era um código: chegava um momento que ele tinha que ir fazer pipi, o agente de polícia, ele entrava... Acho que era um açougue, ou uma venda. Ele entrava. Então, a menina já tinha um gesto combinado. E o Octávio estava espreitando pelas frestas da janela. Aí saía.

D.P. – Escapava do policial.

N.S. – Escapava. Só, impossível pegá-lo, porque ele conhecia Santa Teresa. Santa Teresa, aqueles morros são labirintos, tem muitos caminhos. E ele tinha, também, um casaco de cor diferente de um lado para outro.

D.P. – Trocava.

N.S. – Não havia quem pegasse ele. Só iria pegar num lugar. Só havia um lugar possível para pegar Octávio: a porta de fábrica, coisa que não se usa mais, não é?

D.P. – Estava lá distribuindo os panfletos dele, fazendo agitação.

N.S. – E fazendo discursos na porta de fábrica. A vida dele era a porta de fábrica, sair de casa e ir para a porta de fábrica. Hoje, falam muito mal dele, não reconhecem ele, mas ele foi fantástico, de uma dedicação total. Agora, no meio de tudo isso, estudando sempre muito.

D.P. – É, ele escreveu diversas coisas.

N.S. – Mas não era um bom escritor, nem um bom poeta.

D.P. – E ele mostrava os textos que ele estava escrevendo para você? Havia uma troca...?

N.S. – Não. Tem uma poesia dele dedicada a mim que foi com os papéis dele... A filha, a Dionysa, deu toda a trapalhada dele, a papelada dele à Universidade de Campinas. Eu soube disso pela Elvia, que está fazendo esse trabalho lá, sobre a Rua do Curvelo.

D.P. – Nise, ele tentava sempre lhe ganhar para o Partido Comunista? Ele tentava sempre lhe convencer para você entrar no Partido Comunista?

N.S. – Não.

D.P. – Não?

N.S. – Eu entrei depois que eles foram embora. Deve ter... A vida deles me impressionava muito. Laura me impressionava muito. Grande educadora. Eu me lembro, tempestades, ou trovoadas, em Santa Teresa, que... As meninas, as duas maiorezinhas, já estavam... já não tinham medo. Mas a menor tinha medo. Aí a Laura dizia: “Olhe como é bonito! Como é bonito!” Aí, enxugando as lágrimas, achava bonito o relâmpago. “Olhe como é bonito!” Grande educadora. E a casa, você sentia insegura, pendurada no morro. Era uma pessoa que via beleza sempre, nas coisas. Eu me lembro de um dia em que eu cheguei lá de manhã... Eu saía, entrava... Era muito perto. E estava o Minervino de Oliveira².

D.P. – Que chegou a ser candidato a presidente da República, não é?

N.S. – Minervino chegou...? Ele foi vereador.

D.P. – Ah, não. Foi vereador. Fiz confusão.

N.S. – Estava lá. Ele não ia muito lá, não, mas essa manhã eu vi Minervino lá, conversando com Octávio. Eu demorei pouco. Falei com Laura, depois saí. Depois eu voltei. Aí Laura me disse: “Você reparou a beleza das mãos do Minervino?”. Eu disse: “Não”. “As mãos do marmorista, cheias de calos, de talhos, como eram lindas. Como são lindas as mãos do...” Eu aprendi muito a ver as coisas com eles, com Laura. Nunca me passaria pela cabeça...

[FINAL DO PRIMEIRO DEPOIMENTO]

² Foi candidato à presidência da República nas eleições de 1930 pelo Partido Comunista Brasileiro.

2ª Entrevista: 02/10/1992

Dulce Pandolfi – Nise, continuando a nossa conversa, eu gostaria hoje que você falasse um pouco dessa sua experiência junto ao Partido Comunista, antes da sua prisão em 1935.

Nise da Silveira. – Não foi muito boa, não, porque eu sempre tive muita dificuldade de me acomodar em organizações. Tanto que não fiz formação psicanalítica – tive oportunidade para isso –, não fiz, mesmo em Zurique, a formação junguiana, que era a corrente psicológica que eu adotava no meu trabalho. Talvez, por causa da minha vida de filha única, de menina rebelde, eu não me acomodava dentro dos esquemas do Partido Comunista. Embora eu fosse... Diziam até que eu era muito rígida. Coisa que eu reconheço que eu sou, uma pessoa rígida, em qualquer trabalho que eu faça. Mas eu cheguei aqui no Rio, fui apresentada ao professor Austregésilo, que era professor de neurologia, morei um período na clínica neurológica e, depois, passei a morar no próprio hospício, e fiz concurso. Então, os companheiros do Partido não aprovavam que eu me dedicasse tanto a...

D.P. – Aos estudos.

N.S. – ...a esse concurso. E eu me dedicava tremendamente a esse concurso. Porque eu não tinha casa, morava no hospital, e queria ter uma certa independência. Apareceu a possibilidade de fazer um concurso, e eu, então, estudava dia e noite e, naturalmente, faltava a reuniões. Aconteceu que o meu chefe de célula – isso é muito engraçado – me repreendia fortemente.

D.P. – Como era o nome do seu chefe, Nise?

N.S. – Nem me lembro mais do nome dele. Acho que ele morreu. E acabaram me expulsando. Eu fui expulsa!

D.P. – Ah, você foi expulsa?

N.S. – Fui expulsa. Então havia aquelas coisas de... “Trotskista”. Fui expulsa como trotskista. Porque eu discordava de certas coisas, e achavam que esses pontos de vista meus eram trotskistas. Eu não era trotskista nem nada. E também achava que o material que o Partido recebia, o material stalinista, era muito pouco simpático. Então entramos em atrito.

D.P. – E essa sua experiência demorou quanto tempo?

N.S. – Ah, deve ter demorado uns dois anos, uns dois ou três anos. Não. Menos de três anos. Uns três anos.

D.P. – Quer dizer, você não entrou para o Partido pela mão do Octávio Brandão.

N.S. – Não, não.

D.P. – Já foi no hospital?

N.S. – Já foi depois que Octávio tinha ido para o exílio.

D.P. – E tinha alguma outra figura que lhe marcou, que foi importante para seu ingresso no Partido Comunista?

N.S. – Não. Pessoa, não. Você vendo o livro de Octávio, onde ele conta a vida dele, vai até o embarque dele, em 1931. Estavam presentes quatro pessoas apenas, no embarque dele: uma grande mulher, que morava também na Rua do Curvelo, Zoila Teixeira, que não era do Partido, mas era super... Tinha o espírito comunista, o espírito de solidariedade. Eu saía muito com a Zoila. Estava eu; Zoila; um rapaz, acho que era espanhol, ou aqui de um país da América Latina, não sei se era argentino, chamado [**Caberrito**]³; e o pai de Laura. Estávamos os quatro. Fomos... Era um navio alemão, eles foram de terceira classe, e eu resolvi entrar no navio. Entrei no navio, fui no camarote deles – muito modesto – e depois saí. Não me... Tinha

³ Há dúvida quanto à grafia do referido nome.

um aparato policial grande, no embarque dele, mas não aconteceu nada comigo. Eu entrei e saí com toda a naturalidade. Aí voltei para a minha casa em Santa Teresa. Aí, já ele não estava. Não estava mais, já tinha partido. Depois, então, é que eu fui para a clínica neurológica; da clinica neurológica para o hospital psiquiátrico, que, nesse tempo, era na esquina da rua... Como se chama essa rua do Pinel? Com...

Participante – Rua da Passagem...

D.P. – A Pasteur?

N.S. – Com Pasteur...

Participante – Pasteur com Passagem.

N.S. – Na esquina⁴, que depois foi a Reitoria e hoje eu não sei mais o que é. É uma casa magnífica, mas estava em grande decadência. Eu morei lá até fazer concurso. E o pessoal do Partido era um pouco contrário a esse concurso.

D.P. – Porque eles queriam, naturalmente, que você se dedicasse mais à causa revolucionária...

N.S. – Que eu me dedicasse mais.

D.P. – ...do que à causa psiquiátrica ou médica.

N.S. – Mas eu queria... Precisava de um meio de vida. E o chefe da minha célula era um alfaiate que era muito duro comigo, que morava na Ladeira do Pinto, ali perto da Central do Brasil. Foi uma experiência também bonita, as minhas subidas à Ladeira do Pinto. Porque me recomendavam: “ Vista-se modestamente e leve sempre um livro na mão”. Então eu subia aquela ladeira sozinha. E havia aqueles grupos de trabalhadores, ou, não sei, de vagabundos,

⁴ O hospital psiquiátrico ficava na esquina da Avenida Pasteur com Avenida Venceslau Brás.

não sei de que, mas nunca ninguém me disse uma palavra. Quando eu passava, **desciam**. O livro era o passaporte.

D.P. – Naquele tempo, estudante tinha trânsito livre.

N.S. – Tinha essa coisa, não é?

D.P. – E quais eram suas tarefas no Partido?

N.S. – Minhas tarefas não eram grandes, não. Eu participava de reuniões, via gente doente do Partido e lia aquelas apostilas stalinistas horrorosas, muito mal escritas e muito ferrenhas. Mas meu interesse estava polarizado, nessa ocasião, em fazer o concurso. Aí aconteceram várias coisas interessantes. Eu já estava presa... Não. Primeiro, falar na prisão. Eu tinha, no meu quarto no hospício, onde eu morava, livros de medicina, livros de psiquiatria – justamente, eu estava me preparando para o concurso, então, tinha muitos livros de psiquiatria –, de literatura... Fiz o concurso, entrei para o Serviço, mas ainda fiquei morando um pouco no hospício. Pouco tempo, porque logo... Aí apareceu uma enfermeira que viu esses livros e me denunciou. Então eu fui presa. Fui presa em 1936.

D.P. – Pois é. Em 1935, se criou a Ação Libertadora Nacional⁵...

N.S. – Eu fui a reuniões, mas não participava muito, não.

D.P. – Da ANL, você não...

N.S. – Tive muitas ligações com amigas que cultivo até hoje, como Maria Werneck, Beatriz Bandeira, mas eu não era muito aficionada, não.

D.P. – E a figura de Prestes lhe impressionava, o Cavaleiro da Esperança?

⁵ Refere-se à Aliança Nacional Libertadora (ANL).

N.S. – Nunca vi Prestes. Prestes, quando eu estava presa, ele estava preso, mas ninguém via ele.

D.P. – Mas, antes da prisão, você tinha por Prestes um certo...

N.S. – Não. Esse entusiasmo, não tinha, não. Quando o Prestes, que estava no Uruguai, resolveu entrar para o Partido, eu achei que era uma grande aquisição para o Partido. O Octávio ainda estava no Brasil e Octávio não achava.

D.P. – Octávio não achava que era uma grande aquisição?

N.S. – Não. Eu achava que era uma grande aquisição. Havia aquela atmosfera de Cavaleiro da Esperança, eu digo: “Ele vai trazer muita gente com ele”. Como realmente trouxe: trouxe os militares que fizeram, depois, em 1936...

D.P. – Em 1935, a revolução, em novembro de 1935.

N.S. – Em 1935, em novembro. Eu estava no hospital, ouvi os tiros.

D.P. – E Astrojildo Pereira, você conheceu, Nise?

N.S. – Conheci. Grande pessoa. Astrojildo, eu conheci muito antes de tudo isso. Conheci Astrojildo em livraria. Uma pessoa muito inteligente. Foi o verdadeiro fundador do Partido, em 1922. Octávio era anarquista. Veio de Maceió como anarquista. Só entrou em 1924. Mas aí eu não estava no Rio, eu estava estudando. Em 1924, eu estava estudando, estava na Bahia. Mas depois eu conheci Astrojildo, quando frequentava rodas de intelectuais em livrarias, coisa que eu... Eu passeava... Meu passeio era muito esse, à tarde, de andar nas livrarias.

D.P. – Livrarias do Centro da cidade?

N.S. – No Centro da cidade. E, depois que saí, também continuei nessa ronda de livrarias. Sempre foi o meu passeio predileto. Paramos onde?

D.P. – Eu estava perguntando a você sobre essa história do Partido, as figuras... Que figuras lhe impressionaram no Partido? Enfim, você...

N.S. – Nenhuma.

D.P. – Nenhuma.

N.S. – Nenhuma me empolgou.

D.P. – O que lhe moveu a ingressar no Partido Comunista?

N.S. – O clima todo de gente amiga minha. Eu era muito amiga de Eneida, mas não foi por causa dela que eu entrei para o Partido; Mario Lago...

D.P. – Mas você nunca foi uma militante fervorosa do Partido Comunista.

N.S. – Não. Nunca fui uma militante fervorosa.

D.P. – E você era uma pessoa muito interessada nas coisas políticas do país?

N.S. – Era interessada, sim. Era interessada. Mas nunca fui uma pessoa de organizações, de me amoldar em organizações políticas.

D.P. – E aí você estava começando a falar da sua prisão. Como é que foi o episódio da sua prisão?

N.S. – O episódio da minha prisão... Eu já tinha feito o concurso, já tinha sido nomeada, mas continuei morando [no hospício], porque achava adorável esse meu quartozinho na Avenida Pasteur, dando para o mar, defronte do Iate Clube. Era uma... E ali eu tinha uma tranquilidade muito grande, porque era fora da seção onde ficavam os doentes pensionistas. E começou, também, meu aprendizado fora dos livros de psiquiatria. Um aprendizado que me marcou

muito, nesse período que eu morava no hospício, pouco depois do concurso, foi a visita que eu fiz a uma pensionista, a uma doente que era da seção de pensionistas – era uma seção melhor –, que tinha sido amiga de minha mãe em tempos de minha mãe solteira. Então minha mãe disse... me escreveu: “Veja se você consegue localizar aí Julieta”, era o nome dela, “que foi minha amiga quando eu era solteira”. E aí disse: “Pernambucana, também”. E eu acabei localizando essa moça e fiquei... Tomei o primeiro choque contra a psiquiatria tradicional, nessa visita. Porque ela morava numa espécie de apartamento – era uma pessoa de alto nível social –, com uma enfermeira, que morava com ela, de nome Elvira. E eu cheguei na hora em que dona Elvira, a acompanhante dela, estava fazendo o rol de roupa para mandar para a lavadeira. Eu falei com Julieta, ela não me deu a mínima bola, continuou numa algaravia de palavras totalmente incompreensível. Eu falei no nome de minha mãe, “sua amiga no Recife”, ela não deu a mínima bola. Estava lá andando de um lado para outro e falando de uma maneira totalmente dissociada e incoerente, e dona Elvira, que já estava habituada àquilo, ia pegando as peças de roupa e juntando. Porque a família de Julieta mandava buscar a roupa dela para lavar em casa e trazia. Roupas finas. E dona Elvira era uma pessoa de pouca instrução, mas escrevia assim: “Lençóis, quatro lençóis; fronhas, tantas fronhas”. De repente, escreveu: “Penhoar, um”. Mas escreveu penhoar errado. E Julieta, que estava andando de um lado para outro, numa algaravia verbal totalmente incompreensível, pega no lápis, toma da mão de dona Elvira e corrige a palavra penhoar. Então, isso eu gravei. Isso teve uma influência na minha posição. Mais tarde, foram se somando outros fatos semelhantes e eu fui vendo o que era a chamada doença mental da psiquiatria tradicional e o que era a doença mental da pessoa viva, com quem eu estava, que eu estava vendo agir, falar ou escrever.

D.P. – Quer dizer, no momento que ela quis, ela se ligou na coisa e...?

N.S. – Quando ela viu uma coisa errada...

D.P. – Ela prontamente...

N.S. – Ela era uma pessoa muito culta, conhecia muitas línguas, francês, inglês, alemão... Ela falava... Era filha de um... Pernambucana. Não se deve dizer nomes. E pouco depois... Eu continuava estudando, mas não tirei... [Continuava] estudando psiquiatria, mas estudava

também socialismo. Eu tinha livros marxistas. Uma enfermeira viu, denunciou ao administrador e aí eu fui presa. Fui presa por denúncia, na noite de 26 de março de 1936. Aí fui levada para a Polícia Central.

D.P. – Nise, você esperava ser presa?

N.S. – Não.

D.P. – Porque, nesse momento, várias pessoas estavam sendo presas no Brasil. Tinha tido...

N.S. – Tinham sido presas... Muita gente conhecida minha tinha sido presa.

D.P. – Mas você não esperava ser presa?

N.S. – Não.

D.P. – Não tinha medo da prisão?

N.S. – Não. Primeiro, eu já tinha sido presa. Mas saí imediatamente. Não acharam nada comigo, então eu saí.

D.P. – Você foi presa quando? Logo depois da revolta de 1935?

N.S. – Não. Fui presa em janeiro, mas não... Passei horas. Saí logo. Isso aconteceu em março. Eu não conhecia nenhum desses militares. Não conhecia ninguém do movimento. Não conhecia ninguém. Conheci depois, lá dentro, alguns.

D.P. – E na hora da sua prisão, você teve medo?

N.S. – Não.

D.P. – Foram o quê, dois policiais? Como é que foi?

N.S. – Não. Foi um chefe, assistente do Filinto Müller. Foi lá e eu fui no automóvel com ele. O diretor do hospital – chamava-se Waldemiro Pires – mandou me chamar, eu desço, e ele então diz: “Aqui está a Dra. Nise”, a esse policial. Foi um choque. Mas eu aguentei bem. Aí fui para a Rua da Relação. Era por ali que a gente entrava. Depois, então, passei uns três dias na Rua da Relação e depois fui... Tudo isso à noite. Sempre à noite. Quando prenderam... Se não me engano, foi quando... na véspera da prisão do Pedro Ernesto. Então a polícia esperava uma reação popular – que não houve – e esvaziou a Rua da Relação. E eu fui de carro, até com um rapaz diplomata que estava também preso.

D.P. – Você, então, da Rua da Relação, você foi para onde?

N.S. – Fui para a Frei Caneca.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

D.P. – Você foi presa, foi para a Rua da Relação...

N.S. – Estamos na Rua da Relação. E da Rua da Relação... Para você ver como era amena a vida naquele tempo. Havia os agentes de polícia, os *tiras*, como eram chamados, que prestavam... contavam os seus depoimentos a um senhor chamado tenente Américo. Não sei se era tenente. Acho que não era. Era um título assim. E ele distribuía, vai para ali, para acolá e tal, e me perguntou... Porque nem me ficharam. Não fizeram nada. Ele me perguntou: “A senhora quer tomar um café?”. Imagina! Eu disse: “Obrigada. Não”. Ele então chamou um dos *tiras*, que eu considero um ser sobrenatural, e disse: “Conduza a doutora” – nunca me chamaram tanto doutora como nesse período – “à Sala de Mulheres”. Havia outras mulheres, presas por motivos diferentes. Então acompanhei esse tira. Quando chegamos no corredor... Um ambiente horrível! O ambiente era horrível. Era todo pintado de roxo, o corredor. Estreito e pintado de roxo. E, lá no fundo, eu vi uma luz meio baça que era a tal Sala de Mulheres. E esse tira, então, para de repente no corredor. Ele parou, eu parei. Eu não sabia para onde ele ia me levar. E ele me disse: “A senhora fez muito mal em não aceitar o café que o tenente Américo lhe ofereceu, porque vai ser...”. Ele estava por dentro das coisas. “O

presidente da República”, que era o Getúlio, “vai decretar amanhã o estado de guerra, então, nada mais vai valer, nem habeas corpus, nem nada. Quem for preso agora, não sabe quando sai”. Eu fiquei espantadíssima. Então ele insistiu: “Acho bom... A senhora não sabe quando vai tomar qualquer alimento. Amanhã, não sabe”.

[FINAL DO ARQUIVO PHO_400_NISE_DA_SILVEIRA_1992-10-02_02a]

N.S. – ...me acompanhava, tinha sido designado pelo tenente Américo para me acompanhar à chamada Sala de Mulheres, na rua da Relação, e eu o segui, sem saber para onde ia. Me disse: “A senhora fez muito mal em não aceitar o café, porque não sabe quando vai ter a oportunidade de tomar outro alimento. A situação está muito grave e o presidente vai decretar estado de guerra, então, as leis não vigoram. Porque, naturalmente, a senhora está pensando em ter um habeas corpus e sair. Nem pense!”. Mas ele me dizia isso com um ar bondoso. E disse: “Como é, aceita o café?” Eu aí disse: “Aceito”. Então, em vez de ir para... Ele disse: “Eu não sei se o tenente Américo vai permitir, mas vou dizer que a senhora aceita”. Tinha uma sala lateral, no corredor, ele me deixou na tal sala e foi falar... E disse: “O tenente Américo permitiu”. Eles não faziam alimento nenhum, lá na...

D.P. – Na rua da Relação.

N.S. – ...na rua da Relação. Não faziam. Mandavam buscar nos cafés. Então ele me disse: “O tenente Américo mandou buscar um café com pão para a senhora”. Então, veio um café...

D.P. – **O famoso** pão com manteiga.

N.S. – ...e pão com manteiga. Então, para mim, eu aí já ia tomando consciência que a coisa ia piorar. Tomei o café e depois ele me levou à Sala de Mulheres. Nunca mais eu vi esse homem. Sempre eu procurei ver, e nunca mais consegui. Para mim, foi um ser sobrenatural. Quando me... fala-se assim, eu digo: “Já vi anjo”.

D.P. – Um deles estava no Dops, na Secretaria de Segurança.

N.S. – Um deles estava no Dops. E dias depois... Havia uma grande inquietação lá. Era o receio... Tinham decidido prender o Pedro Ernesto, ou demitir, não sei, qualquer coisa com o Pedro Ernesto, e receavam...

D.P. – Ele foi preso, o Pedro Ernesto.

N.S. – Foi preso. Receavam reação popular. Então, tinha armamento nas janelas, havia fuzis, havia metralhadoras. O negócio estava danado. Aí eu... “Ih! A coisa vai ser preta aqui.”

D.P. – Até então não tinham feito nenhuma pergunta, nenhum interrogatório a você?

N.S. – Me botaram nessa Sala de Mulheres e pronto. Mas, na véspera da prisão do Pedro Ernesto, eu já senti o aparato. “Não sei o que vai acontecer. Certamente, vai acontecer qualquer luta séria”, por causa dos armamentos nas janelas, na rua da Relação. Então veio a ordem: “Todo mundo vai sair da rua da Relação”. E então eu saí da rua da Relação, mas de táxi.

D.P. – De táxi?!

N.S. – De táxi. Juntamente com uma pessoa presa, mas que, naturalmente, não estava na Sala das Mulheres, estava em outro lugar do Dops, que era um diplomata. Talvez, por isso tivessem chamado o táxi. Porque ele demorou muito pouco tempo, saiu logo.

D.P. – E aí foi um policial com vocês no táxi?

N.S. – Um policial, no táxi, eu e esse diplomata. Fomos para a Frei Caneca. Era mais ou menos meia-noite. Então me puseram numa cela no andar térreo, e tinha um número de baratas incrível. Então um preso comum, ladrão, porque eles são muito amáveis, achou de varrer essa sala. E botaram um colchão no chão, mas eu fiquei... passei a noite toda acordada.

Quando foi de manhã, trouxeram o café. Eu aí tomei uma atitude enérgica. Eu digo: “Eu sei que há aqui um local onde estão presas várias mulheres. Por que eu estou aqui, no local das presas comuns”, que eram ladras, “e nessa imundice tremenda? Eu espero que...”. Porque eu esperava que fosse muito melhor onde elas estavam – realmente era –, no primeiro andar. “Eu faço um apelo enérgico para que eu seja colocada junto com as outras presas.” Acho que esse homem transmitiu o recado ao diretor da Casa de Detenção, como era chamado o presídio da Frei Caneca, e então eu fui levada para a chamada Sala 4, onde encontrei muita gente conhecida minha: Eneida, Maria Werneck... E era inteiramente separada dos homens por uma grade. Eu cheguei e Isnard, que estava preso...

D.P. – Isnard Teixeira?

N.S. – Teixeira. [Isnard Teixeira] comandou uma recepção. “Nise! Tudo!” [riso]

D.P. – Porque vocês se viam? Conseguiam se ver e conseguiam ouvir a voz? Viam também?

N.S. – Não. Só se subissem numa grade determinada, no meio. Porque tinha, então, sala para um lado, sala para outro, uma escada, e tinha a parte onde estavam os homens, que era uma quantidade grande, era todo o pessoal militar...

D.P. – E aí Isnard comandou a sua recepção?

N.S. – Isnard que comandou. Então, o guarda que tinha me trazido disse: “Eles todos se conhecem!”. [risos] Isnard parecia que era um mestre de cerimônias, e me disse: “Você não conhece Graciliano, não, não é?”. Eu digo: “Não”. Gritava de baixo. “Então vai ser apresentada.” Foi falar com Graciliano. Graciliano tinha feito recentemente uma cirurgia abdominal... Ele sempre... Nem queria saber...

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

N.S. – ...apresentar a Graciliano.

D.P. – Graciliano Ramos.

N.S. – Graciliano Ramos, que tinha chegado há pouco, naquela viagem terrível a bordo do Manaus, que foi duríssima. E Graciliano disse: “Não quero” – naquele temperamento introvertido dele –, “não quero conhecer ninguém, nem estou em condições de subir nessa grade”. Mas Isnard não é pessoa que se deixe abater por uma negativa. “Não, tem que ir, tem que ir, tem que conhecer a Nise. Ela vai ficar muito feliz. Ela chegou agora e tal. Você vai gostar também muito dela.” E Graciliano veio descompondo Isnard e subiu na tal grade do meio, e eu subi na minha grade, e ficamos parados, sem falar. Nem ele falava, nem eu falava. Isso constitui uma das mais belas páginas do Graciliano e das *Memórias do cárcere*. Depois têm outras: do banho de sol, das mulheres, tudo. Mas tem esse primeiro encontro...

D.P. – Esse impacto.

N.S. – ...o impacto, que ele escreveu, como o grande escritor que ele é. Era muito bonito. E aí ficamos. Estava a Olga, grávida...

D.P. – A Olga Benário Prestes.

N.S. – Estava a Berger...

D.P. – A Elisa Berger.

N.S. – Elisa Berger, que era fantástica. Eu fiquei numa cama perto da Elisa Berger.

D.P. – Elisa era o quê, muito firme? Era uma pessoa muito...?

N.S. – Ela era... Era uma revolucionária de carreira. Já tinha andado em várias partes do mundo. E o Berger, o marido dela, estava na Polícia Especial, onde sofreu até enlouquecer. E ela esteve também lá, e depois saiu e veio para a Sala 4, pouco antes da minha chegada, e ela ficou numa cama junto da minha. Mas a tortura era feita porque ela sabia... eles achavam que ela soubesse – e de fato ela sabia – onde estava Prestes. Prestes não tinha sido ainda preso. E

torturavam o Harry Berger, marido dela, e ela de uma maneira tremenda. E eles foram firmes. Essas torturas eram feitas, geralmente, alta madrugada. E ela acordava naquela hora. Era uma coisa terrível. Eu tinha um sono bárbaro. Em cadeia e tudo, eu nunca perdi o sono. Dormia, e ela me... E havia, nas camas, uns cobertores, acho que cobertor de soldado, espinhentos, mas eu não me importava. Ela achava que eu, muito magra e comendo muito pouco, sentia frio, e me botava o cobertor até o pescoço. E eu tirava o cobertor, ela botava, e eu acabava ficando acordada com ela. Ela então contava as torturas e mostrava as queimaduras nos seios. Toda queimada. O que faziam com ela, ela contava tudo. Mas contava com um grande ódio.

D.P. – Nise, mas ela sofria essas torturas enquanto estava nessa sala com vocês? Ou ela já tinha passado pelas torturas?

N.S. – Já tinham passado, na Polícia Especial, de onde foi tirada, junto com o marido, pelo Sobral Pinto, com a Lei de Proteção aos Animais.

D.P. – Baseado na Lei de Proteção aos Animais.

N.S. – Porque a lei proíbe que animais fiquem em locais sujos assim. Porque não...

D.P. – Maltratados.

N.S. – Maltratado. Não havia local para funções fisiológicas, nada. Eles viviam numa imundice incrível, na Polícia Especial.

D.P. – E você, então, ouvia aquelas histórias dela e ficava...

N.S. – Eu ouvia aquelas histórias dela. Me impressionava muito. A Olga ficou do outro lado – eram duas fileiras de camas –, perto de Maria Werneck, a quem ela se ligou muito. E eu me liguei mais à Berger, por causa dessas noites trágicas. Eu aí perdia o sono.

D.P. – Aí você percebia também que ela queria uma companhia para conversar aquelas coisas?

N.S. – Ela precisava de alguém, e eu me sentava na cama e escutava. Mas me atingiu muito.

D.P. – É uma coisa bárbara, não é?

N.S. – É. Embora... Eu nunca fui torturada, mas ouvir aquilo me atingiu muito. Porque, naquela ocasião, para mim, tudo isso era inimaginável. Eu não tinha formação revolucionária para aguentar ouvir aquilo. E ela dizia: “Vocês são umas crianças. Estão presas aqui, mas vocês são umas crianças, não sabem o que é ser revolucionário”. Realmente não sabíamos. Aprendemos lá. Chega. Mexe muito.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

N.S. – ...toda a cela que podia ser estendida. E acho que Maria conta, no livro *Sala 4*, do embarque das duas para a Alemanha. Foram no mesmo navio. A Olga, como judia, destinada ao forno, e ela, que não era judia – em alemão... Como é que eles chamavam, os alemães? Não ia para forno, era morto a machado, decapitado. E elas sabiam disso.

D.P. – Elas sabiam disso. Esperavam.

N.S. – Deviam saber. Elas eram pessoas com um tirocínio revolucionário muito grande. Ele enlouqueceu, o Berger.

D.P. – Quanto tempo você ficou na companhia da Olga e da Elisa?

N.S. – Poucos meses. Porque elas viajaram, acho que em julho ou agosto, não sei.

D.P. – E vocês tentaram fazer um movimento lá, de...?

N.S. – Ah, gritou-se e pintou-se o diabo. Eles enganaram, dizendo: “Não, ela está grávida”. O policial foi lá, “vamos levá-la para uma casa de saúde, tanto que podem ser acompanhadas por duas pessoas. Vocês escolhem”. Então, como Maria era muito ligada a ela, era vizinha de

leito, foi Maria Werneck, e foi o Campos da Paz Filho, que era médico. Então, foi Maria, o Campos da Paz e ela, e isso deu uma certa esperança à gente que ela realmente fosse para uma casa de saúde, pois ia acompanhada de dois dos nossos. Não seguiu no automóvel da polícia; foram não sei como. Em que veículo foram, eu não sei. E Maria... Passaram então... se aproximaram ali da Mariz e Barros, da Gaffrée, e Maria então disse: “É, com certeza, você vai para o Hospital Gaffrée e Guinle”.

D.P. – O Hospital...?

N.S. – Gaffrée e Guinle, que ainda hoje existe, na rua [Mariz e Barros]. É um excelente hospital. Era. Agora, parece que tem uma ala para Aids. É um grande hospital. Eles acreditaram, Maria e o Campos da Paz, acreditaram por um momento nesse conto do hospital, por causa da gravidez da Olga. Mas puseram um revólver em cima de Maria, nas costas, assaltaram ela, passaram para outro veículo, e Maria e o Campos da Paz voltaram para a Frei Caneca. Eles estavam desesperados.

D.P. – E aí, quando voltaram, vocês...?

N.S. – A Elisa também. Elas viajaram juntas. Mas não foram retiradas juntas. Cada uma saiu de uma vez. Depois, a Elisa foi fácil para eles retirarem. A Olga, com essa coisa de grávida de filho de Prestes, levantou um clamor muito grande entre os presos. Foi o episódio mais duro...

D.P. – E quando a Maria chegou contando essa história, vocês, então...

N.S. – Ah, estava tudo perdido.

D.P. – Ficou uma coisa certa de que...

N.S. – [Ficou certo] que ela ia embarcar. E eles escolheram, os desgraçados, um navio que não tocasse em nenhum porto no caminho, que fosse direto a Hamburgo, à Alemanha, porque

receavam, se tocasse o navio num porto francês, que os operários arrancassem elas. Então foi estudada, a rota do navio.

D.P. – Maquiavélicos, mesmo, não é?

N.S. – Maquiavélicos. E hoje... Mas a mãe do Prestes – era uma mulher fantástica – fez um movimento na França enorme, entre os intelectuais, por causa da menina.

D.P. – Da Anita.

N.S. – Da Anita, que não se sabia se era Anita ou Anito. E é até admirável que, em pleno regime hitlerista, eles não tenham posto a Olga junto com a menina ou menino no forno. Eles esperaram que a menina nascesse. Nasceu a Anita. Ela foi cuidada, no parto; nasceu a menina e eles entregaram a menina à dona Leocádia. Há até um poema muito bonito, do Pablo Neruda onde ele diz: “*Señora...*” Começa assim. Ela representava à América, a dona Leocádia. Depois, dona Leocádia, eu acho que morreu, não sei, e a Anita ficou com a irmã do Prestes.

D.P. – Hoje, a Anita é professora da universidade, ela dá aula lá na... Formou-se, é professora de história da Universidade Federal Fluminense. Ela escreveu uma tese, que virou livro, sobre a Coluna Prestes, em que ela faz uma longa entrevista com o pai. Nise, e o cotidiano na prisão? Como é que era o cotidiano de vocês?

N.S. – O cotidiano na prisão não era dos piores, não. Porque os presos comuns... Notava-se uma divisão muito marcada, entre o preso comum ladrão e o preso comum que eles chamavam de sangue, os assassinos. E os presos comuns tinham outras regalias. Eram eles que – naturalmente, escolhiam alguns – que serviam os políticos, traziam, numa espécie de bandeja de madeira, traziam uma comida ruim, um feijão duro e tal, mas vinha aquilo ali. E a gente fazia boa amizade com eles.

D.P. – E você tinha contato com familiares? Como era o esquema de visita?

N.S. – Ah, não tinha, não. Ninguém me visitou. A não ser essa criatura única no mundo, não há outra pessoa igual, a quem eu já me referi, a Zoila Teixeira, que tirou o cartão para me visitar e me visitava toda semana, todo dia de visita. Mário dava dinheiro a ela para ela comprar frutas, coisas para mim, e eu recebia, levado pela Zoila. Roupa minha, ela levava para lavar, e fazia as roupas simples para andar lá dentro, Zoila Teixeira. Era uma das pessoas das mais comunistas do mundo. Tanto que quando ela morreu... Antes, ela pediu ao neto que não queria coroas, nem esses negócios de enterro, mas fazia questão que, no momento que o caixão baixasse à terra, fosse tocada a *Internacional*. Fui ao enterro dela e ouvi a *Internacional*, tocada numa vitrola péssima que o menino, que era... um rapazote, que era estudante, tocou a *Internacional*.

D.P. – E a sua amizade com Zoila começou quando, Nise?

N.S. – Minha amizade com Zoila começou no Curvelo. Porque ela era amiga, também, das... As filhas dela eram amigas das filhas de Octávio. Era uma rua familiar, todo mundo se conhecia. E ela era solidária com todo mundo.

D.P. – E você tinha notícia dos parentes em Maceió, recebia correspondência, alguma coisa?

N.S. – Não. Eu não escrevia porque... Mário tinha conseguido um emprego. Se eu escrevesse, ele podia ser demitido. Ele dava dinheiro à Zoila e ela fazia compras para mim.

D.P. – Você e Mário já estavam casados oficialmente, nessa época?

N.S. – Não. Eu não queria saber de casamento.

D.P. – Mas vocês moravam juntos?

N.S. – Mas assim, juntos e não juntos.

D.P. – Como é isso, juntos e não juntos? [riso]

N.S. – Porque eu... Eu sempre achei muito difícil a convivência, no casamento.

D.P. – Essa coisa do cotidiano.

N.S. – O cotidiano. Mário tinha um temperamento muito forte, e eu também tinha meu temperamento. Ele era um socialista, sem dúvida. Nunca entrou para partido, mas era... Tinha uma visão socialista do mundo – aí nós nos afinávamos bem –, e achava que a prioridade cabia a um trabalho social, que o médico tinha a obrigação de...

[FINAL DO ARQUIVO PHO_400_NISE_DA_SILVEIRA_1992-10-02_02b]

D.P. – ...o trabalho social.

N.S. – O trabalho social: o saneamento básico, a defesa contra as epidemias... Tanto que ele esteve até na África, durante a guerra, por causa dessa malária braba que vinha nos aviões. Ele passou quase um ano na África. Ele e o Konder, cada um numa região afetada.

D.P. – Ele e quem, Nise? O Konder?

N.S. – O Konder, Valério [Konder].

D.P. – Valério. Mas voltando à prisão – depois a gente fala do casamento com Mário –, então, você ficou um ano e quatro meses presa?

N.S. – Um ano e quatro meses.

D.P. – E você foi interrogada, nesse período?

N.S. – Não me deram bola nenhuma, porque eu não figurei entre os... Como era o nome técnico...?

D.P. – Indiciados?

N.S. – Indiciados. Não figurei. Não houve... Não descobriram nenhuma relação minha com o movimento de 1935, então, não me deram importância. Mas davam muita importância à coisa ideológica. Tanto que eu saí, mas com uma cláusula: “Pertence a um ciclo de ideias que a incompatibilizam com o Serviço Público”. Eu passei oito anos livre, mas desempregada, comendo o que o diabo amassou.

D.P. – Quer dizer, você já tinha feito o concurso, e você perdeu o seu lugar, então?

N.S. – Não perdi porque, quando houve aquele movimento de redemocratização, eu apelei para o concurso, o que não é muito dentro da lei, porque o concurso perde a validade depois de um certo tempo, que eu não me lembro qual é. E eu entrei oito anos depois, graças ao Roosevelt, ter aquele movimento todo.

D.P. – Em 1945.

N.S. – De modo que eu voltei em 1944.

D.P. – Nise, e você sentia tristeza na prisão, medo?

N.S. – Tristeza, nada. O negócio de tristeza, nada. E aqueles que sentiam tristeza foram muito infelizes, e muitos morreram.

D.P. – E como era o clima entre vocês, na sala? Na cela, melhor dizendo.

N.S. – Cordial, na cela. Nós nos organizamos um pouco: períodos que uma se ocupava da mesa, de servir à mesa. É uma maneira de dizer, servir à mesa, mas quando chegava aquela bandeja, nós preparávamos.

D.P. – Você estudava, nessa época, na cadeia?

N.S. – Estudávamos muito. Eu li muito. Li Proust todo, na cadeia. Tínhamos muito tempo, não é? Li o teatro de Ibsen. Porque algumas mandavam buscar livros, e livros de literatura entravam.

D.P. – Então vocês aproveitavam e liam.

N.S. – Literatura e filosofia. Sendo que uma em quem se fala muito pouco, mas que era uma alta inteligência, era a Valentina Barbosa Bastos, que depois até a irmã dela, a Eulália, casou com um filho do Bruno Lobo, e um irmão chegou a ser ministro. Mas a Eulália comeu ainda fogo. Ensinava em universidades americanas.

D.P. – Por causa da família, então, a perseguição se estendeu?

N.S. – É. Ela metia o dente na filosofia de Hegel e estudava aquilo. Eu estudava muito com ela, mas me cansava antes dela. Ela ia mais além.

D.P. – Vocês chegaram a montar, então, um grupo de estudo entre vocês, não é?

N.S. – Grupos de estudos, e diferentes: uns liam uma coisa, outros liam outra. E havia, também, pessoas que não tinham tido a oportunidade de estudar, como a mulher do... daquele revolucionário que chegou a governar o Rio Grande do Norte.

D.P. – Sei. Mas não lembro o nome.

N.S. – Houve a revolução também no Norte. Ele...

D.P. – Porque lá foi onde ela foi mais bem-sucedida, não é?

N.S. – Foi mais bem-sucedida. A mulher dele estava lá. Outra também do Rio Grande do Norte estava lá. Então, elas não... Naturalmente, não liam língua estrangeira.

D.P. – E você lia bem o quê, francês?

N.S. – Eu lia bem francês. Confraternizávamos muito bem. E Valentina lia muito bem inglês, também. Tanto que, depois que ela saiu, ela foi morar em Buenos Aires e uma editora encarregou-a de preparar uma antologia da poesia francesa, que eu tenho aqui. Muito bonita, também.

D.P. – Nise, e vocês saíam da cela para tomar banho de sol?

N.S. – Nem sempre. Um dos castigos era esse, era acabar com o banho de sol, por qualquer besteira. Então havia um guarda... Sempre um guarda acompanhava o banho de sol, e havia um muito engraçado, do Rio Grande do Norte, muito rebuscado na linguagem. Era difícil fazer a gente voltar para a Sala 4, vir do pátio, onde tinha o sol, para entrar. E então ele dizia: “Minhas senhoras, voltem para os seus lares e os seus leitões”. [risos] Nós ríamos com ele. Mas ele era bom.

N.S. – Em todo lugar encontra gente boa, não é, Nise?

N.S. – Tem gente boa.

D.P. – Nise, e quantas eram vocês mais ou menos? Quer dizer, deve ter variado um pouco, mas...

N.S. – Variava. Porque umas saíam logo. Por exemplo, a Beatriz Bandeira saiu logo.

D.P. – Em alguns momentos eram dez...

N.S. – Não. Mais. Inicialmente, deviam ser umas 16, mas depois foram saindo.

D.P. – Você considera uma fase marcante da sua vida?

N.S. – Ah, muito. Decisiva.

D.P. – Decisiva?

N.S. – Decisiva. Eu já não era uma pessoa muito, digamos, adaptada ao nosso mundo desde a infância, como se vê no princípio do depoimento, e depois fiquei muito menos.

D.P. – Era o quê, um sentimento de revolta contra os padrões?

N.S. – Revolta contra os padrões, eu tinha sempre antipatia às pessoas que pensavam de uma maneira muito diferente, e tinha amizades estreitas com pessoas afins, como Isnard, por exemplo, que é meu amigo ainda hoje. Num período em que eu passei na enfermaria, que Graciliano esteve também, quando veio da Ilha, aí eu tive uma amizade mais estreita com Graciliano e com alguns outros, até militares. Um deles, o Sócrates Gonçalves, que hoje está quase cego, de vez em quando me telefona, e eu quero muito bem a ele. Fizemos amizades. Ele ficou na... Depois, ele me disse, foi para Fernando de Noronha.

D.P. – Que era uma barra, não é? Nise, como é que foi o momento da sua [saída da] prisão? Você foi comunicada que você ia ser solta naquele dia? Você já esperava? Como é que foi o episódio da sua libertação?

N.S. – Porque muitas saíram – eu fui das últimas –, então, eu já estava mesmo esperando sair, porque muitas já tinham saído.

D.P. – Você saiu com advogado, com alguém, ou sozinha?

N.S. – Não. Eu saí... Minha mãe tinha vindo para cá e tinha sido – não sei como foi isso – avisada e estava lá na sala do diretor me esperando. Eu saí com minha mãe, fui para um hotel, o Hotel OK, na rua Senador Dantas – não sei se ainda existe...

D.P. – Existe.

N.S. – Tomei banho, troquei de roupa e fui para a casa da Zoila jantar, em Santa Teresa, no Curvelo.

D.P. – E quem estava na casa da Zoila?

N.S. – Mário foi para a casa da Zoila.

D.P. – Quer dizer, vocês não se viam há um ano e quatro meses. Foi um dia de especial alegria na sua vida?

N.S. – Sim, fiquei, naturalmente. Eu não sei o dia exato, mas foi nas imediações de São João, de modo que eu me lembro, da janela da casa da Zoila, vendo os balões. Foi uma vivência muito marcante. E eu fiquei muito com a mania de liberdade. Depois, eu tomava um bonde ao acaso e ia até o fim da linha e voltava, descia, tomava ao acaso outro bonde... [risos] Havia uma série de bondes que saíam da Praça Tiradentes, e eu vi um bonde chamado Alegria. Eu digo: “É nesse que eu vou!”. [risos]

D.P. – Fazer uma viagem no bonde da alegria.

N.S. – Era um lugar horrível, uma localidade... Mas eu dizia: “Se eu quiser, eu desço aqui, no meio do caminho, desço, não tenho obrigação de ir ao fim da linha”. Então eu tinha muito esse sentimento de poder fazer o que quisesse. Saí muito com esse sentimento.

D.P. – Como se diz, ser dona do seu nariz, não é?

N.S. – Dona do meu nariz. Tomar o bonde da Alegria, e que não tinha nada de bonito. Mas o nome me tocou e eu entrei no bonde e fui... E em outros bondes, também, outros comuns, que eu descia em um ponto qualquer para passar para outro.

D.P. – Nise, e como é que foi sua vida profissional daí para frente? Aí você voltou para o hospital?

N.S. – Aí vamos fazer outro capítulo.

D.P. – Certo.

N.S. – Porque...

D.P. – É uma longa história.

N.S. – ...eu voltei e começou uma outra história.

D.P. – Isso em 1937, não é? Em 1937 e 1938.

N.S. – Não, não começou em 1938, não. Em 1938, eu saí, mas continuei desempregada. Eu voltei para o trabalho em 1944.

D.P. – Você ficou totalmente desempregada?

N.S. – Totalmente desempregada. E eu não sabia me empregar, não sabia fazer as coisas. Mas aí eu fiquei... uma coisa desagradável: quem pagava tudo para mim era Mário.

D.P. – Aí você ficou morando com Mário e ele pagando tudo.

N.S. – Não. Passei um período na casa de um irmão de Mário, de Carlilo, passamos lá; depois ele foi para a África...

D.P. – E você, então, não exercia a medicina, nem a psiquiatria, nem nada.

N.S. – Não sabia fazer nada.

D.P. – Mas você lia sobre medicina, sobre psiquiatria?

N.S. – Lia.

D.P. – Mas não estava engajada em nenhuma instituição, nada.

N.S. – Mas não estava engajada. E as pessoas me evitavam. Foi um período também desagradável.

D.P. – Porque isso era plena ditadura do Estado Novo, não é?

N.S. – É. Pessoas amigas me evitavam.

D.P. – Seu cotidiano era o quê, ficar em casa?

N.S. – Eu ficava em casa e ia muito para a rua. Ia muito para a Livraria José Olympio, onde se reuniam muitas pessoas – estava lá José Lins do Rego, estava Graciliano –, e havia um sereno dos intelectuais, gente que ia lá para ver aquele pessoal.

D.P. – Chamava o sereno dos intelectuais?

N.S. – Chamava. Ia muito na Livraria Odeon, que era na avenida Central. Acabou-se, essa livraria.

D.P. – Você tinha medo de ser presa de novo, Nise?

N.S. – Tinha. Tinha medo de ser presa de novo. Tanto que eu passei um período escondida, pouco depois de ser solta. Depois que voltei, então, no período em que os integralistas...

D.P. – Tentaram tomar... derrubar o governo Vargas, e aí teve uma reação.

N.S. – É. Agora, depois de 1944, depois que eu voltei para o trabalho, não tinha mais medo de ser presa, apenas havia um certo clima: as pessoas que eu conhecia antes e que não queriam muita aproximação comigo. Eu também não ligava.

D.P. – Mas você compreendia o medo dessas pessoas? Ou lhe dava uma certa...? Porque era a época do terror.

N.S. – Eu não compreendia, não.

D.P. – Não. Você ficava...?

N.S. – Achava eles covardes.

D.P. – Covardes. E também não procurava...

N.S. – Eu também não procurava.

D.P. – Marcava sua posição.

N.S. – Ficava quieta. Se falassem comigo, eu falava afetuosamente, até marcando um pouco a diferença entre os que procuravam e os que não procuravam.

D.P. – É, deve ser duro, ver pessoas que eram amigas...

N.S. – Recuar.

D.P. – ...completamente recolhidas, não é?

N.S. – Recolhidas. Então, naturalmente, eu me recolhia ainda mais. Agora, os que procuravam, eu dava afeto.

D.P. – Nise, depois dessa prisão... Bem, você falou que foi expulsa do Partido Comunista. Você teve algum desejo de voltar a militar no Partido, depois de tudo que passou?

N.S. – De militar, não, mas continuei amiga de vários antigos, porque essa besteira de trotsk...

D.P. – Trotskista.

N.S. – ...muitos sabiam que era maluquice. Continuei amiga de vários, mas sem me engajar.

D.P. – Só voltando a esse episódio da sua expulsão, você foi comunicada oficialmente? Como é que foi isso? Porque isso aí até é uma história bem interessante, não é?

N.S. – Não fui comunicada, não. Saiu no jornalzinho deles.

D.P. – Ah! Foi publicado no jornalzinho do PC?

N.S. – [Foi publicado] no jornal: “Trotskista com ligações internacionais”, não sei se americanas, não sei de quê. Eu soube disso. [risos]

D.P. – Mas você levou isso tudo na...

N.S. – Não liguei. Era tão louco, não é?

D.P. – Você tinha alguma ligação com os trotskistas? Você gostava do Trotski? Você lia o Trotski?

N.S. – Li Trotski. Mas não tinha nada de filiação, de posição.

D.P. – Mas você tinha amigos trotskistas?

N.S. – Livros, muito poucos. Eu só tinha a vida de Trotski. Não tinha livros trotskistas, não.

D.P. – Mas você convivia com o pessoal trotskista? Ou também não?

N.S. – Também não. Conhecia alguns trotskistas que viajaram, também, como, por exemplo, o Mário Pedrosa, que era trotskista, que depois foi muito meu amigo, no Museu.

D.P. – Quer dizer, foi uma acusação meio gratuita.

N.S. – Foi, completamente. Ele tinha uma paixão pela Rosa Luxemburgo.

D.P. – O Mário Pedrosa?

N.S. – O Mário Pedrosa. E eu fiquei, também... Quando ela foi morta, com o Liebknecht, os dois foram mortos, eu me revoltei muito. Mas não tinha engrenagem trotskista. Nem eles tinham, também. Mas o pessoal do Partido chamava “Trotskista! Trotskista!”. Tanto que me disseram, eu não ouvi, que a Rachel deu uma entrevista no rádio e fizeram uma pergunta política a ela, eu não sei qual, e ela disse: “Não, a Nise dizia que eu era trotskista”. Nunca disse isso.

D.P. – Você que foi acusada, não é, Nise?

N.S. – É. O negócio de letreiro, eu não gostava.

D.P. – Nessa época, você já não gostava desse negócio de ser tachado de...

N.S. – Nem depois, nem nada.

D.P. – Mas, enfim, aí sua amizade com o pessoal do Partido continuou, mas você nunca mais retornou às hostes partidárias.

N.S. – Nunca mais. Com algumas pessoas do Partido, não é?

D.P. – Mas você chegava a receber os documentos do PC?

N.S. – Aqueles folhetos stalinistas...?

D.P. – Não, eu digo nessa outra fase, depois da prisão.

N.S. – Não, não.

D.P. – Quer dizer, mais nenhum tipo de contato oficial.

N.S. – Não, não. Já estava expulsa. Mas os mais próximos meus, nenhum acreditava nisso.

D.P. – E você também nunca se preocupou em investigar de onde veio essa ideia, quem foi o responsável?

N.S. – Não. Não liguei, absolutamente. Porque a convivência com o grupo ao qual eu pertencia, a minha célula, eu achava gente chatíssima. [riso]

D.P. – Então você até achou...

N.S. – Burra e chatíssima. Preferia os ambulantes. Porque havia muitos comunistas, naquela ocasião, que não eram filiados; **[inaudível]**.

D.P. – E esses, você afinava mais, não é?

N.S. – Afinava mais.

D.P. – Está certo.

[FINAL DO SEGUNDO DEPOIMENTO]